



<https://badalo.com.br/featured/dia-nacional-da-visibilidade-lesbica-no-cariri-tambem-tem-representatividade>

29 de agosto de 2019 16:11

O dia 29 de agosto é marcado como o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. Estabelecido no Brasil por ativistas, a data é a mesma em que aconteceu o 1º Seminário Nacional de Lésbicas – Senale, ocorrido em em 1996.

Em Juazeiro, no Teatro do Sesc, na noite desta quarta-feira (28), aconteceu a 3ª Edição do Chá Lilás, espaço de união em prol da luta das mulheres lésbicas. O evento foi promovido pela Associação Beneficente Madre Maria Villac (ABEMAVI) e Associação Caririense Pela Diversidade e Inclusão (ACEDI) com parceria de outras associações e instituições. O evento contou com rodas de conversa, premiações e apresentações de grupos de danças e DJs.

Ayza Teles, secretária e militante da ACEDI, que luta por visibilidade e direitos humanos, afirma que o Dia da Visibilidade Lésbica não é apenas comemorativo. “É muito importante que tenhamos consciência que esse dia 29 de agosto vem sendo reivindicado desde 1996 com o intuito de mostrarmos as nossas

pautas para visibilidade e para garantirmos o nosso direito de espaço na sociedade”, afirma.

“Nos fazemos fortes e rompemos silêncios. Fazemos com que as violações que sofremos sejam registradas e nomeadas”, diz Ayza em relação ao significado da data para a comunidade lésbica, reforçando que a luta é diária, e não só no 29 de agosto. “Não só nesse dia, mas todos os dias queremos ter os nossos direitos garantidos”.

A mulher lésbica na sociedade

A design de sobancelha Andreia Rufino, também conta um pouco da sua experiência com a descoberta e aceitação de sua sexualidade. “Não queria me aceitar, eu tinha medo da sociedade. É sempre aquilo de homem foi feito para a mulher e mulher para homem”, diz ela.

Andreia conta que, no início, a própria mãe afirmou que aquilo era coisa de sua cabeça, “apenas umas fase”, e que ela precisava arranjar um namorado. “Eu tinha vergonha, muita vergonha. Algumas amigas minhas que a gente tomava banho juntas, se vestia juntas, começaram a se vestir longe de mim pensando que eu ia olhar ou que ia mudar alguma coisa entre a gente”.

Apesar de se sentir segura com sua namorada, elas não andam de mãos dadas em todo lugar. “A gente sabe uns lugares, ela não gosta e eu não me sinto confortável porque muita gente ainda olha estranho”.

Mesmo com o preconceito, Andreia afirma que hoje se sente feliz. “Quando eu fiquei com uma menina descobri que aquela foi a primeira vez que eu tinha beijado”.